

Music From Paraíba

Governo estadual realiza hoje mais uma edição do projeto, com Burro Morto e Rieg, no Ateliê Multicultural Elioenaí Gomes

Rafael Andrade
rafaelandradecm@gmail.com

Dando início ao Projeto Music From Paraíba, a banda Burro Morto e o músico Rieg fazem, hoje, show de graça no Ateliê Multicultural Elioenaí Gomes, no Varadouro. As atrações começam a partir das 17h, contando ainda com o DJ Naza agitando o público antes do show e durante os intervalos. O evento é promovido pelo Governo do Estado por meio da Fundação Espaço Cultural da Paraíba.

A primeira apresentação da noite é responsável pelo experiente músico Rieg e, que ao lado do baixista Jesi e o baterista Nildo Gonzalez, faz um som experimental aliado ao trip-hop com letras em diversos idiomas. Natural dos Estados Unidos com nacionalidade alemã, Rieg teve sua estreia em 2010 no Festival Mundo. No ano seguinte lançou o EP "The Histrionic" gravado e mixado em João Pessoa no Studio Mutuca e masterizado por Pete Norman, do Finyl Tweek, na Inglaterra. Em 2013, Rieg liberou uma série de teasers e clues sobre o novo projeto, gravado em estilo de filmagem em VHS que caminham entre o burlesco, a trilha sonora de filmes de terror e a psicodelia.

Agora a banda finaliza a produção do álbum "12:00", com previsão de lançamento para o segundo semestre deste ano, tornando o show uma prévia do novo disco. "A maioria das músicas que serão tocadas são do novo álbum com uma ou duas músicas do primeiro EP, além de outras inéditas", contou Rieg. Outros atrativos também estão garantidos como o cenário e participações, segundo o músico. "O show conta com visual forte incluindo TVs e filmes B, tendo a presença dos VJs Spencer e FM", revela.

Burro Morto sobe ao palco logo em seguida trazendo ritmos nordestinos misturados com afrobeat, rock e psicodelia sob influência de artistas como Lula Côrtes e Fela Kutí. A banda paraibana foi formada em 2008 e nela atualmente integram os músicos Ruy José (bateria), Pablo Ramirez (percussão), Daniel Jesi (baixo) e Leonardo Marinho (saxofone e guitarra). Lançaram o seu primeiro trabalho em 2009, o EP intitulado "Varadouro" e em 2011 veio "Baptista Virou Máquina", álbum acompanhado por uma peça audiovisual em DVD que conta a história de Baptista, dirigido por Carlos Dowling e ilustrado pelo artista plástico Shiko.

Atualmente Burro Morto também anda



FOTO: Rafael Passos

A banda Burro Morto é referência da música alternativa e mantém um estúdio sediado no centro Histórico da capital

em fase de composição para um novo álbum e pretende tocar músicas inéditas hoje, segundo Daniel Jesi. "Não temos nome nem data de lançamento até agora, mas apresentaremos em torno de sete canções novas", planeja. "É show elétrico que certamente fará o público dançar bastante", acrescenta.

O Projeto Music From Paraíba é resultado do edital de música da Funesc com

o objetivo de divulgar e valorizar a cena musical paraibana. Sendo assim, a coletânea Music From Paraíba foi lançada no mercado internacional em 2013, levando 20 artistas do Estado aos profissionais da cadeia produtiva de música de todos os continentes, na maior feira mundial de música, a World Music Expo (Womex). A cada mês, o projeto promoverá a realização dos

shows com artistas que participam do CD.

De acordo com Rieg, o projeto é uma grande oportunidade para os artistas paraibanos serem reconhecidos fora do Estado. "A cultura paraibana hoje em dia sofre influências multiculturais e se tornou bastante globalizada. Tomara que com isso o mercado cultural aqui, e no Brasil, possa se abrir mais para os artistas independentes", conclui.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho - Crítico Literário - hildebertobarbosa@bol.com.br

O livro raro

Livro raro é o livro que amo. A mim não importa a praticidade dos critérios bibliográficos extraídos da complexa e pluriterritorial ciência dos livros.

Se é uma marca da edição, por exemplo, a primeira, sobretudo se numerada; se é uma cópia manuscrita assinada por um Gustav Flaubert ou um Jorge Luís Borges; se é o conteúdo insólito, vezes até bizarro (penso, aqui, num livro qualquer sobre as cercas de pedra ou de marmeleiro do meu Cariri ou sobre o erotismo das plantas xerófilas); se é pela dedicatória idiossincrática que um autor fez a outrem, a exemplo de Alfredo Pessoa de Lima em relação a Agamenon Magalhães; se é pelo valor estético das ilustrações, se ilustrações houver (Luís Jardim, Santa Rosa, Iberê Camargo e Poty são dos que mais prezo); se é pelo formato gráfico-visual, isto é, pela textura objectual que, não raro, certos livros assumem, cortejando mais

ardidamente a gulodice dos colecionadores; se é pela pertinência psicológica e intertextual das epígrafes enquanto sinais de outras vozes na costura do texto principal, ou seja, entre tantos casos, o caso de Valéry epigrafando Drummond; se é pela antiguidade do tipo em seu desenho pictórico ou hieroglífico, em preto e branco ou mesmo nas cores do arco-íris; se é pela presença misteriosa das anotações em redor das páginas, postas em relevo pelas mãos invisíveis de um leitor apaixonado, de um leitor que amava muito os livros a ponto de roubá-los pelo simples desejo de fruí-los, como John Gilkey, uma espécie rara de bibliófilo bibliômano; se é por causa da tiragem mínima, dois exemplares, por exemplo, e ainda assim com páginas refiledadas, indicando que nenhum dos dois foi lido ou folheado, portanto, nunca podendo serem esquecidos; se é pelo preço milionário que certos livros adquirem no estranho e surpreendente mercado livreiro, em especial

nas feiras e eventos de livros raros e antigos; se é pela renitente obsessão de um bibliófilo à caça de uma obra rara (José Mindlin, por exemplo, vendendo um apartamento em São Paulo, para comprar, em Paris, a primeira edição de O Gaurany, romance de José de Alencar!); se é pelo pitoresco e enigmático de certas gralhas que subvertem o conteúdo de uma frase, pondo pelo avesso o sentido original (Machado de Assis tentando recolher os primeiros exemplares de Falenas, porque no prefácio, Caetano Filgueiras, em lugar de casado, escreveu "cagado!"); se é porque o livro foi escrito por escritor renomado, poeta maior ou filósofo superior (um Tolstói, um Dante, um Kant), e este livro, por razões inexplicáveis, não consta na lista de suas respectivas obras completas; se é pelo assunto que vai de encontro à ideologia dominante da época e do contexto, transformando-se o livro em questão coisa perigosa, proibida, venenosa e envenenada, a ponto de

matar aqueles que correrem suas páginas (A comédia, de Aristóteles, segundo Umberto Eco, em O nome da rosa); se é porque é um livro desconhecido, anônimo, que pertence a todos, portanto, não pertence a ninguém; enfim, se é pela beleza da capa, pela loucura ou genialidade do autor, pelo tamanho, sobretudo em se tratando das ínfimas miniaturas; por ser incunábulo, possuir iluminuras ou por ter se extraviado de uma refinada coleção; por ter sido roubado e leiloado, por um falsário, em Amesterdã, nada disso importa.

O livro raro, para mim, é o livro que amo. O livro que não li porque vivo sempre lendo e relendo seus capítulos intermináveis. O livro que leio e que escrevo a cada palavra degustada, a cada sílaba perdida. Este livro não é apenas um livro. São muitos livros, porque todo livro é múltiplo e multiplicável, assim como o amor, assim como todos os momentos de leitura.